

Era uma castelã. Vivía enclausurada na torre da ilusão, romântica a sonhar: às estrelas falava, alta noite, extasiada, de certo herói que, em breve, havia de chegar. Mas ele não chegara... E, uma noite enluarada, a castelã fugiu de seu lindo solar... E, louca, lá se foi, buscando pela estrada o ideal de sua vida... e nunca o pôde achar. Boêmia sem lar, sem pão, ei-la que continua cantando a sua dor. Lá vai, de rua em rua, até cair de vez, despedaçada e exangue... Moças de meu país, vós que viveis sonhando: ei-la que vai passar, trôpega, derramando em taças de cristal, as lágrimas sangue! Colombina, Musa que passa.

Quando a vida me deu mais um laço e a dor me induziu ao rude pranto, não quis consolo, recusei abraço e me fechei sozinha no meu canto. De resistência nem havia traço e de esperança o mínimo acalanto, por que então dividir o mal que passo se cada um já sofre, tanto e tanto? Sentindo o punhal ferir-me o peito, fechei-me em casa, recusei amigo, e, dona inteira de meus sofrimentos, fui procedendo assim, do mesmo jeito, que a ferida fera busca um abrigo para lamber, a sós, seus ferimentos. Suelly Corrêa Gomes, Fera ferida.

A bela cruz no belo altar é de ouro. Nota-se, claramente, que se trata de fina peça, artístico tesouro, como outras cruzes de platina ou prata. De idéntico metal é o Cristo louro à cruz pregado. Fosse a cruz de lata, traria algum descrédito ou desdouro tanto a Jesus como ao altar e à data? Pergunto, enquanto a multidão se prostra perante o belo altar, no qual se mostra, ambos em ouro, Cristo e Sua cruz. Não foi assim em certa sexta-feira. De ouro não era a cruz, mas de madeira, em cujos braços expirou Jesus. Ziver Ritta, A cruz.

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVIII, Nº 07 – 2014 JULHO
Assinatura até 31.12.14: 05 selos postais
de 1º Porte Nacional Não comercial (R\$ 0,80).

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!
www.haiku.sf.nom.br

O afeto é o sal do pão cotidiano.
A lagrima une a massa.
com que ele é feito.

Olha só!
A saudade construiu o poema!

Joaquim Moncks, O pão de todos os dias, 2011 Coletânea Joaquim Moncks & Amigos – www.estantevirtual.com.br

Quando tentas agradar-me, és calculista e machão porque sabes que ao teu charme, eu nunca sei dizer não. Dorothy Jansson Moretti, 1109 A Voz da Poesia: Rua dos Bogaris 183 04047-020 – São Paulo/SP

Desse jeito, esperando, considero-te a criança que sempre tenta chorando quando o que quer não alcança. João Batista Serra, 1108 O Patusco: Caixa Postal 95 61600-970 – Caucaia/CE

Não confies no destino, pois na última viagem, não vale o desatino, bondade vira passagem. Osael de Carvalho, 0907 Trinos do Pitiguari: R.Guanabara 542 59014-180 – Natal/RN

De tanto ouvir mau presságio quanto à passagem pra morte, já penso que até pedágio vão cobrar por meu transporte. Sandro Pereira Rebel, 0707 Trovavelegre Pça. Sen. José Bento 162, Ap 301 37550-000 – Pouso Alegre, MG

Fez plástica o setentão e mudou seu visual... Mostra um rosto cinquentão, mas no resto... tudo igual! Tereza Costa Val, 1007 Trovia alkaulu77@gmail.com; visite: www.falandodetrovia.com.br

Sorriso, alegria, coração me encantam em você, na minha forte oração, rezo pra não te perder! Vicente Alencar, 1007 Binóculo ivonildodias@secrel.com.br jbatista@unifor.br

Ando perdido a buscar-te e busco, em vão, te esquecer... Tenho temor de alcançar-te, por medo de te perder! Albano Lopes de Almeida

Tal como, quando o sol nasce, somem-se logo as estrelas, quando surge a tua face, as outras... quem pode vê-las? Antônio Sales

Não foste a minha metade, pois jamais me deste um sim... Mas fizeste que a saudade fosse a metade de mim. José Maria M. de Araújo

Saudade quase se explica nesta trova que te dou: saudade é tudo que fica daquilo que não ficou. Luiz Otávio

Ah se eu pudesse saber qual a mulher que ele quer... Que não iria eu fazer para ser essa mulher? Magdalena Léa

Tudo tão fácil, tão justo, tão perto o nosso desejo, e todavia que custo para a permuta de um beijo! Serafim França

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.
2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

SELEÇÕES MENSALIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.07.14, enviar até 3 haicus de quigos Dia do Correio, Granizo, Quero-quero.
Até o dia 30.08.14, enviar até 3 haicus de quigos Dia da Alfabetização, Flor de goiabeira, Dia tépido.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82.
05010-040 - São Paulo, SP.

FAVOR SÓ ENVIAR NO ENDEREÇO ACIMA! GRATO.



QUIDAIIS DE INVERNO

Doces e pão de ló, festejos com beijos. Dia da Avó. Alberto Siuffi 24.05.27-01.07.14

Sementes perdidas. Lançadas com esperança... Jardim muito seco. Alda Corrêa Mendes Moreira

Do baú ao corpo. O cheiro os desusados... O vento cortante. Anita Thomaz Folmann

Nuvem de poeira. Boi, cavalo e cavaleiro. É a vaquejada. Cecy Tupinambá Ulhôa

Escolas fechadas. Greve do professorado. Dia do Estudante... Darly O. Barros

Na seca total resiste um pouquinho mais árvore despida... João Batista Serra

Baquerubu esperando o dia da colheita. There Válio

TEMAS DO INVERNO

HAICUS BRASILE

Manhã muito branca no gramado do quintal geada chegou. I Amália Christina

Dia do Colono! Felizes, entre os vinhedos, colonos festejam. I Amália Marie Gerda

Roupas no varal geada caiu à noite roupas congeladas. I Denise Cataldi

Intensa geada durante o dia e a noite. Lavoura queimada. I Iracema Gomes

Descendo a ladeira, com passos mais apressados. A garoa aumenta. F Manoel F. Menendez

Café na cama – no dia de descanso. Geada na manhã. Q Marilena Budel

Desfaz-se a geada à luz do sol matinal. Morre a bananeira. A Roberto Resende Vilela

Na fazenda em festa comemoração alegre Dia do Colono. I Alba Christina

Geada e sol – pingos de cristal derretem-se, nos beirais das casas. Q Amália Marie Gerda

Passeio na rua com chuveiro de inverno. Um frio cortante. Denise Cataldi

Ao abrir a porta, olha a fazenda seu dono. Dia do Colono. Q Iracema Gomes

Pessoas despertam; madrugada após geada. Inspeção do campo. Q Manoel F. Menendez

Casal de velhinhas acompanha da janela geada caindo. D Renata Paccola

Folhas embalando gotinhas perolizadas. Garoa à tardinha. B Roberto Resende Vilela

Pela rua cheia os passantes se apressando na garoa fina. I Alba Christina

O garoto corre e enfrenta com seu pulôver, o vento gelado. Amália Marie Gerda

Um rio minguante serpenteia, desaparece sob a terra seca. Denise Cataldi

A garoa cai ao longo da avenida. Vapores das bocas. Q Iracema Gomes

Arrepio de frio – o casquinha molhado. Garoa repentina. Q Marilena Budel

Donos de fazenda distribuindo presentes. Dia do Colono. F Renata Paccola

Viola caipira. Arrasta-pé e churrasco. Dia do Colono. D Roberto Resende Vilela

Sombrinhas abertas e a impertinente garoa orvalha os abrigos. I Amália Marie Gerda

Aldeia alemã cantos e danças Dia do Colono. F Denise Cataldi

Rocha terra boa encharcam intermináveis gotas da garoa. Q Fernando Soares

Na rua, o desfile: carros de bois, roupas típicas. Dia do Colono. B Manoel F. Menendez

Na praça central, tratores e colheitadeiras. Dia do Colono. Q Marilena Budel

Rapaz chega em casa com a roupa respingada. Lá fora, a garoa. I Renata Paccola

Hora de fazer a colheita de café. Colonos na estrada. Roberto Resende Vilela

QUER PERDER DINHEIRO? PERGUNTE-ME COMO. PIRÂMIDES

(conclusão)

DOIS TERÇOS DOS ALBANESES SE ENVOLVERAM NAS PIRÂMIDES.

O país só aderiu ao capitalismo nos anos 90, e o período de isolamento econômico tornou os albaneses presas fáceis para golpistas, já que eles não tinham lá muita familiaridade com o sistema financeiro. A transição do comunismo para o capitalismo até que foi rápida, mas não se constroem bancos de um dia para o outro. E na Albânia do início dos anos 90, só três bancos –

todos estatais – concentravam 90% dos depósitos, e mesmo eles não dispunham de um grande limite de crédito. Foi nesse contexto que surgiram as primeiras empresas informais de crédito. E elas inclusive eram vistas com bons olhos pelo governo, já que incentivavam o crescimento de uma economia que ainda engatinhava, e, por tabela, acabavam financiando os próprios partidos.

Algumas dessas empresas eram pirâmides puras, sem nenhum ativo real. Outras até tinha investimentos de fato, mas no final também

acabaram virando pirâmides. Uma parte delas investia em contrabando para a antiga Iugoslávia, que naquela época ainda sofria com sanções da ONU. Nem precisa dizer que esse não era um investimento lá muito confiável. Quando as sanções foram suspensas, em 1996, as empresas albanesas perderam toda sua fonte de renda. Para evitar uma debandada geral, elas resolveram aumentar (?) as taxas de juros pagas aos investidores. Af já viu: em poucos meses, 2 milhões de pessoas aderiram aos esquemas e investiram mais de US\$ 1 bilhão nas pirâmides.

Quando o Fundo Monetário Internacional começou a levantar suspeitas sobre o modelo de negócio dessas empresas, o presidente da Albânia veio a público em defesa delas e fez com que a população acreditasse que o FMI estava tentando boicotá-las por pura maldade. Mas af pouco tempo depois uma delas acabou falindo e levou todas as outras junto. O governo se recusou a ressarcir os investidores, e uma guerra civil logo tomou conta do país – mais ou menos dois terços dos albaneses tinham investido nas pirâmides. Duas mil pessoas morreram,

e o presidente foi obrigado a renunciar. Quando o governo interino assumiu, a indústria estava temporariamente paralisada e a moeda local tinha se desvalorizado 40% em relação ao dólar. Ficou a lição: ainda que os bancos não ofereçam taxas de juros muito convidativas, são opções mais seguras do que qualquer oportunidade infalível de ganhar muito em pouco tempo. Para Samy Dana, o grande milagre do ganho fácil quase sempre vem acompanhado de uma grande mentira: “Não faz sentido alguém que não consegue encontrar um emprego que pague

R\$ 2 mil por mês achar que vai ficar rico com pirâmide. A maior chance de a pessoa enriquecer é ela fazer aquilo que faz de melhor, seja em um escritório ou em uma borracharia”.

A PIRAMIDE MAIS CARA DA HISTÓRIA

Todo mundo já ouviu falar em Bernard Madoff, o empresário americano que operava um “fundo de pensão” multimilionário direto de seu escritório em Wall Street. Madoff passou décadas pagando juros altíssimos aos seus

riquíssimos investidores (entre eles, o diretor Steven Spielberg e os bancos Santander e HSBC), e só foi pego depois que os próprios filhos o entregaram à polícia. Eles estranharam que o pai se guesse pagando juros astronômicos quando não era capaz nem de manter as próprias contas em dia.

Madoff estava acima de qualquer suspeita. “Ele era um cara de muita credibilidade, que se relacionava bem, já tinha sido presidente da Nasdaq e era amigo de gente importante, tanto na área financeira quanto na indústria cultural”,

diz o professor Fabio Gallo. Por tudo isso, os fiscais nunca cogitaram bater na porta do seu escritório (quem montaria um negócio de fachada justo em Wall Street?) para perguntar quais eram os investimentos tão lucrativos que ele fazia. No auge, seu esquema chegou a operar mais de US\$ 50 bilhões. Eventualmente, o próprio Madoff confessou que usava o dinheiro dos investidores mais novos para pagar os mais antigos. Em 2009, ele foi condenado a mais de 150 anos de prisão.



Gosto daquela cena do *Júlio César*, de Shakespeare, em que um grupo de cidadãos, inflamado pelo discurso de Marco Antônio sobre o corpo recém-esfaqueado de César que começa como um lamento e terminada como uma incitação à vingança, encontra Cinna, o Poeta, e o confunde com um dos assassinos. Cinna convence o grupo de que não faz parte da conspiração, mas isto não o salva. O grupo, exaltado, quer sangue. Cinna é apenas um poeta? Então “matem-no pelos seus maus versos!”, grita alguém. E Cinna é abatido. Quando os cães da guerra estão soltos, nos diz Shakespeare, ninguém é inocente.

Imaginei uma variação da cena em que Cinna se identifica, não como um poeta, mas como um humorista. O grupo não acredita, e desafia Cinna a provar que é o que diz. Cinna hesita.

– Sim, bem, hhm, deixa ver...
– Matem-no!
– Calma! Deixem eu pensar. Hmmm. Sim. Lá vai.
E Cinna começa a declamar.
– Eu sou Cinna, de Siena, em cena

porque esta é a cena do Cinna que preferia ser Cinna lá em cima, em Siena do que Cinna em cena e sem rima. Mas até quando, em Siena, se encena esta cena com o pobre do Cinna ele morre no fim, é uma pena por absoluta falta de clima. E assim cai em cena o de Siena pois a cena do Cinna ensina que ele morre em Siena ou em cena porque esta é a sina do Cinna.

Todos se entrelham. Ouve-se uma risada. Depois outra. “Razoável”, diz alguém. Cinna se entusiasma.

– Vocês conhecem a história da mulher de Brutus? Todos sabem que a mulher de César precisa ficar acima de qualquer suspeita, e não apenas ser virtuosa, mas parecer virtuosa. Já com a mulher do Brutus é diferente: ela tem um fraco por homens

mal-encarados. Gosta de ficar embaixo de qualquer suspeito. Hein? Hein?

Há mais risadas. Estou agradando, pensa Cinna. Talvez até me salve! Ele continua:

– Dizem que a mulher do Brutus recebe tantos homens a sua cama que quando o próprio marido a procura, ela diz “Até tu, Brutus?!”.
Mas risadas. Cinna levanta os braços e diz:

– Acabou, gente. Foi ótimo, mas tenho que ir. Vocês foram uma ótima plateia. Os que me emprestaram seus ouvidos os receberão de volta pelo correio. Mas sem os brincos. Rá, rá. Tchau, hein turma?

Mas alguém grita:
– Matem-no!
Cinna é agarrado.
– O que é isto? Eu não provei que era humorista?
– Provou.

Então por que vão me matar?
– Por fazer humor numa hora destas!

Luis Fernando Veríssimo, A sina do Cinna – OESP Caderno 2, de 30.03.14

Luis Fernando Veríssimo, A sina do Cinna – OESP Caderno 2, de 30.03.14

Luis Fernando Veríssimo, A sina do Cinna – OESP Caderno 2, de 30.03.14

Na época das vacas magras redemocratizado o país governava a Paraíba alugava de meu bolso em Itaipu uma casa do Estado só um soldado que lá ficava sentinela um dia meio gripado que passara todo em casa fui dar uma volta na praia e vi um pescador com sua rede e jangada mar adentro saindo perguntei se podia ir junto não me reconheceu partimos se arrependimento matasse nunca sofreu tanto jogado naquela velhíssima

jangada no meio de um mar brabíssimo voltamos agradei meses depois num despacho anunciaram um pescador já adivinhando de quem e do que se tratava dei (do meu bolso) três contos é para uma nova jangada que nunca vi outra tão velha voltou o portador com a seguinte notícia o homem não quer jangada quer um emprego público.

Francisco Alvim, História antiga.

Sursum corda.

Ao alto os corações. Subir, com toda alegoria em cima, subir, subir a parada que a lua cheia é a hóstia consagrada na vala negra aberta, subir, que o fouetorio anuncia a chegada do carregamento, subir, querubim errante transformista, subir, o incensório da esquadrilha da fumaça-não, subir, como se inalasse a neve do Monte Fuji, subir, o visgo da jaca já gruda na pele, subir,

salvam pipocos da chefia do movimento, subir, souu a hora da elevação, subir que o morro é batizado com a graça de **Morro dos Prazeres** – topograficamente situado no Rio de Janeiro. Subir o morro que a missa católica do asfalto – sem os paramentos e as jaculatórias do latim da infância – pouco difere da reunião de condomínio, sacrifício sem *entusasmós*.

Waly Salomão, a Missa do Morro dos Prazeres.

Há uma rosa caída morta há uma rosa caída bela há uma rosa caída rosa. Maria Ângela Alvim “Há uma rosa caída”

Italo Moriconi, Os cem melhores poemas brasileiros do Século, 2001. – www.objetiva.com.br – www.estantevirtual.com.br

O G U A R D A – C H U V A

Yasunari Kawabata 1899-1972, Contos da palma da mão, Amagasa, 1932; trad. Meiko Shimon, 2ª Ed., 2008: Editora Estação Liberdade Ltda., www.estacao-liberdade.com.br

Era uma chuva fina de primavera, como uma névoa, que não molhava, mas dava a sensação de umedeecer a pele. A garota, que saíra correndo de casa, só se deu conta disso ao ver o guarda-chuva do garoto.

– Oh! Está chovendo?

Não foi propriamente por causa da chuva, mas o garoto abriu guarda-chuva para disfarçar sua timidez ao passar em frente à lojinha onde a garota estava sentada.

No entanto, sem dizer nada, ele estendeu o guarda-chuva para cobri-la. Ela apenas deixou um ombro ser coberto pelo guarda-chuva. Molhado, o garoto não conseguia se aproximar e convidá-la a se proteger mais. Ela queria segurar com ele o cabo e, no entanto, o tempo todo parecia estar prestes a fugir do guarda-chuva.

Os dois entraram no estúdio fotográfico. O

pai do garoto, um funcionário do governo, fora transferido para uma terra distante. Era a fotografia de despedida.

– Por favor, sentem juntos aqui. – O fotógrafo indicou um sofá, mas eles não conseguiram sentar lado a lado. O garoto se pôs de pé atrás da garota e, desejoso de sentir seu corpo ligado ao dela em algum ponto, encostou de leve os dedos, que seguravam o respaldo da cadeira, no casaco do quimono da garota. Era a primeira vez que tocava no corpo dela. Por causa do tênue calor que subia pelos dedos, ele sentiu um ardor agradável, como se a apertasse nua em seus braços.

Por toda sua vida, ele se recordaria desse calor sempre que olhasse aquela fotografia.

– Gostariam de tirar mais uma foto? Os dois lado a lado, da cintura para cima, bem de perto...

O garoto apenas fez que sim. – E o cabelo? – perguntou baixinho à garota. Por um instante, ela ergueu o olhar para ele, corando um pouco; então, com os olhos brilhando de felicidade como uma criança, correu docilmente para o tocador em passos leves.

Quando vira o garoto passar na frente da lojinha, ela saíra voando, sem ter tempo de ajeitar o cabelo. Como se acabasse de tirar a touca de banho de mar, seus cabelos estavam em desalinho, deixando-a ansiosa. No entanto, na frente dele, ela era uma menina inibida que não conseguia arriscar um gesto para ajeitar os fios rebeldes de seus cabelos. O garoto, por sua vez, temia que pudesse ofendê-la se lhe pedisse para ajeitá-los.

A alegria da garota ao se dirigir ao tocador alegrou-o também. Depois de sentirem essa

alegria, os dois sentaram-se juntos no sofá com toda naturalidade.

Quando ia saindo do estúdio fotográfico, o garoto procurou seu guarda-chuva. E viu que a garota, que saíra antes dele, o aguardava na frente do estúdio com o guarda-chuva na mão. Só quando sentiu o olhar do garoto, ela se deu conta de que estava com o guarda-chuva dele. Ficou surpresa. Com um gesto tão involuntário, ela lhe revelou os sentimentos de que pertencia a ele.

O garoto não conseguia se oferecer para pegar o guarda-chuva. A garota não conseguia lhe entregar o guarda-chuva. Contudo, foi diferente do que fora no caminho de ida para o estúdio fotográfico. De repente, eles se tonaram adultos, e retomaram para suas casas sentindo-se marido e mulher. Por causa desse pequeno episódio do guarda-chuva, só por isso...

Nenhum ruído de cães nas latas de lixo. (Aqui não há cães, nem latas de lixo.) Como também não há os mendigos. Em uma ou outra casa, se conversa, e o pó do café, escorrendo pelas janelas, preteja as paredes dos fundos. Olga, desfolhada, não me veio esta noite. Ninguém mesmo tropeçou nas cadeiras da sala. Mas deve haver algum defunto, alguma criança germinando dentro da noite. E não é sem tempo que Maria Balduína, a parteira, com uma luz acesa a desoras,

domine as mulheres grávidas da vila. Orosimbo pisa que nem distrito federal a Ladeira do Meio, o Beco dos Andrades, enquanto Pedro Vieira ensaia u’ a modinha qualquer (felizmente engasgada) à Anita Eleocádia. O subdelegado de polícia e a cadeia pública dormem. Rápido, um vulto de preto, chicoteando morcegos, a Rua de Cima atravessa, como se fora a viúva do farmacêutico no cio, como se fora o padre conduzindo a âmbula. Havia mesmo uma chusma de cavalos mancos pelas ruas. As almas, pela noite, andavam

como símios. Nem todo o arraial dormia. O próprio cemitério matutava.

Dantas Mota, Noturno de uma vila qualquer.

Meu amor me ensinou a ser simples como um largo de igreja onde não há nem um sino nem um lápis nem uma sensualidade.

Oswald de Andrade, Ditiirambo.

Um poema como um gole d’água bebido no escuro. Como um pobre animal palpitando ferido. Como pequenina moeda de prata perdida para sempre na floresta noturna. Um poema sem outra angústia que a sua misteriosa condição de poema.

Triste. Solitário. Único. Ferido de mortal beleza.

Mário Quintana, O poema.

José Nêumanne Pinto, Os cem melhores poemas brasileiros do século; 2001. – www.objetiva.com.br – www.estantevirtual.com.br